

## De imigrante a intendente: deslocamentos e “acúmulo de capitais”<sup>1</sup>

Katani Maria Nascimento Monteiro\*

---

### Resumo

Este artigo analisa aspectos da trajetória de Celeste Gobbato, imigrante italiano que desembarcou na capital do Rio Grande do Sul em 1912 para ser professor da Escola de Engenharia de Porto Alegre. Busca-se neste texto articular a atuação do personagem nas esferas profissional e intelectual e analisar certos fatores que contribuíram para sua ascensão social e política, objetivada ao ser eleito intendente do município de Caxias do Sul, em 1924. Trata-se de um estudo que procura explicar experiências de vida deste indivíduo tendo em vista os limites e as possibilidades dos contextos nos quais atuou.

**Palavras-chave:** Celeste Gobbato; Agricultura; Política.

---

### Abstract

This paper analyzes some aspects of Celeste Gobbato's trajectory, an Italian immigrant that arrived in the capital of the state of Rio Grande do Sul in 1912 in order to act as a professor at the School of Engineering of Porto Alegre. The text is meant to articulate the performance of the character in the professional and intellectual spheres and analyze certain factors that may have contributed to his social and political ascension that culminated on his being elected intendant of the municipality of Caxias do Sul in 1924.

This study is about trying to explain the experiences of this individual during the course of his life having in view the limits and possibilities of the contexts in which he was active.

**Keywords:** Celeste Gobbato; Agriculture; Politics.

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte da tese de doutorado intitulada *Entre o vinho e a política: uma biografia de Celeste Gobbato (1890-1958)*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

\*Doutora em História (UFRGS). Professora do curso de História e do Mestrado Profissional em História da Universidade de Caxias do Sul.

## Biografia e história

A escrita biográfica no âmbito da historiografia contemporânea tem demonstrado o quanto estudos que enfocam experiências individuais permitem o alcance de questões mais gerais sobre a dinâmica da vida social, em diferentes tempos e espaços.

O estudo biográfico em pauta alia-se aos referenciais expressos por Carlo Ginzburg em *O nome e o como*, em que esse historiador sugere que “as linhas que convergem para o 'nome' e que dele partem, compondo uma espécie de teia de malha fina, dão ao observador a imagem gráfica do tecido social em que o indivíduo está inserido”. Através desse tipo de pesquisa, de acordo com o autor, “pouco a pouco, emerge uma biografia, seja [ela] embora inevitavelmente fragmentária, e a rede das relações que a circunscrevem”. (GINZBURG, 1989, pp. 175-176).

A partir de trajetórias individuais, portanto, é possível realizar leituras de uma dada sociedade. Entretanto, é preciso cuidado para que o indivíduo não seja tomado apenas como um meio a fim de que alcancemos a sociedade, o objetivo final. Conceber indivíduo e sociedade como entidades autônomas, passíveis de serem entendidas de forma isolada, constitui-se um raciocínio equivocado. Aquilo a que chamamos sociedade, segundo Norbert Elias, nada mais é do que a *rede de funções* que as pessoas desempenham umas em relação às outras. Ou seja, as pessoas estão ligadas entre si por uma rede de funções interdependentes, em que a margem de decisão individual é sempre limitada (pela estrutura específica de sua sociedade), mas é também muito variável em sua natureza e extensão, dependendo dos instrumentos de poder controlados por uma dada pessoa (ELIAS, 1994, pp. 21-26). Cada pessoa, apesar de toda sua liberdade de movimento e de sua singularidade, “faz parte de determinado lugar, tem uma função, uma propriedade ou trabalho específico, algum tipo de tarefa para os outros”. (ELIAS, 1994). Porém, completa o autor, as pessoas não podem “pular” de um lugar a outro, passar de uma função a outra, conforme sua “veneta”. Os deslocamentos dos indivíduos, as posições assumidas por eles, o que é possível ser e fazer,

enfim, seus movimentos no espaço social só podem ser compreendidos em relação à estrutura da rede de interdependência que os liga entre si.<sup>2</sup> Essas reflexões norteiam a análise aqui proposta e contribuem para uma escrita biográfica renovada. Além disso, considera-se que este estudo permite pensar as relações e tensões entre ação individual e contexto social, uma das problemáticas mais importantes referentes ao gênero biográfico e, por que não, ao conhecimento histórico.

### A “bagagem” do jovem agrônomo

O ano era 1912 e Celeste Gobbato tinha 22 anos de idade quando embarcou no navio francês *Plata* para realizar uma viagem que duraria 29 dias até o seu destino final: o lago Guaíba, em Porto Alegre. A partida deu-se em Gênova e o percurso da embarcação, com paradas estratégicas nos principais portos europeus, africanos e brasileiros, inspirou um relato<sup>3</sup> bastante rico em informações e representações sobre as experiências e sentimentos daquele italiano, o qual viajava para um lugar que lhe era

---

<sup>2</sup> Conforme Elias, a fim de termos “uma visão mais detalhada desse tipo de inter-relação, podemos pensar no objeto de que deriva o conceito de rede”, ou seja, “a rede de tecido”. “Nessa rede”, observa o autor, “muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca. Essa ligação origina um sistema de tensões para o qual cada fio isolado concorre, cada um de maneira um pouco diferente, conforme seu lugar e função na totalidade da rede. A forma do fio individual se modifica quando se alteram a tensão e a estrutura da rede inteira”. (ELIAS, 1994, p. 35).

<sup>3</sup> GOBBATO, Celeste. Dall'Italia al Brasile. *La Rivista*. Organo della Reale Scuola di Viticoltura ed Enologia di Conegliano. Conegliano: Stabilimento Arti Grafiche di Conegliano, pp. 514-519, settembre, 1912. Além deste relato de sua viagem ao Brasil enviado à Scuola di Conegliano logo após chegar a Porto Alegre, Gobbato registrou as observações das visitas que fez às colônias italianas em Caxias no mês de dezembro de 1912, em texto que foi publicado na *La Rivista* com o título de *Dalla capitale ai centri coloniali italiani*. Existem ainda outras fontes que informam sobre o envio de relatos e artigos de Gobbato para a instituição italiana durante as décadas de 1910 e 1920. Refiro-me a recortes de jornais (particularmente do jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre) que integram o acervo particular da filha do personagem, Lydia Gobbato Karl.

conhecido apenas pelas páginas da imprensa, com o objetivo de ensinar enologia e viticultura na Escola de Engenharia de Porto Alegre, no Sul do Brasil.

Gobbato viajava na primeira classe do *Plata*, e essa observação aparentemente trivial revela-se importante, pois expressa as diferentes condições sociais dos imigrantes europeus que partiam para o Novo Mundo. Ocupar a primeira classe acusava uma distinção. No mesmo navio onde emigravam italianos empobrecidos, ansiosos pelo projeto *de fazer a América*, viajava também o jovem agrônomo.

Sobre as origens sociais e familiares de Gobbato há poucas informações. Ele nasceu em Volpago del Montello, cidade tipicamente agrícola, em 1890. Em *Dell'Agricoltura Montelliana*, o personagem informa que a região montelliana é aquela parte da província de Treviso que se estende sobre todo o território das cidades de Croceta, Montebelluna, Volpago, Arcade e Nervesa. A área, dividida em bosques e colinas, propiciava uma dupla produção: de um lado, a pecuária, de outro, a cultura de cereais (milho, trigo sarraceno e aveia) e frutos (como a amora e a uva) (GOBBATO, 1912, pp. 11-15). Pelo que se sabe de seus pais, Pedro Gobbato e Anna Agnoletti eram pequenos proprietários rurais em Volpago, e a produção de suas terras abastecia o mercado local e garantia o sustento da família, que era formada ainda por mais três irmãos. De todos eles, apenas Celeste mudou de país. Ao emigrar, ele deixava para trás um passado sem maiores privações, pelo menos materiais.

O personagem trazia na sua bagagem a experiência familiar com o cultivo da terra, os títulos acadêmicos, a sua juventude e os ideais que procurou materializar através da sua atuação profissional no Brasil. Essa é uma característica marcante em sua trajetória e corresponde, em grande medida, às representações presentes nas memórias daqueles que conviveram com ele, nos diversos espaços onde atuou. Dedicção e competência técnica são termos usualmente associados ao seu nome.

Gobbato, assim como seus irmãos, pôde frequentar a universidade num momento em que o acesso à educação formal na Itália era bastante restrito. Os índices de analfabetismo em 1850 naquele território chegavam a 75% da população. Foi com a Unificação que os governos passaram a demonstrar

maior preocupação com a educação elementar, tornando-a obrigatória em 1877. Deste modo, nos 20 anos após a Unificação, dobrou o número de escolas primárias no país. Nesse mesmo período, os estabelecimentos italianos se dividiam entre liceus, institutos técnicos e escolas normais. De acordo com Mario Grynszpan, esses dois últimos, diferentemente dos liceus,

mesmo possibilitando o ingresso na universidade, particularmente nos cursos de ciências físicas e matemáticas e de engenharia, propiciavam já uma qualificação para o trabalho, como, por exemplo, a de agrônomo, ou a de professor primário, sendo por isso procurados também por famílias de menos recursos. De todo o modo, a educação secundária não alcançava mais do que 10% dos jovens. (GRYNSZPAN, 1999, p. 71).

Havia 21 universidades em todo o país, e a maioria era pública. Ainda segundo Grynszpan, o número de estudantes que chegava a essas instituições era extremamente reduzido.

Considerando as afirmações do referido autor, pode-se supor que o ingresso de Gobbato no ensino universitário italiano indique o desejo familiar de aquisição de prestígio e “recurso ascensional”, já que, “de modo geral, eram as famílias de patrimônio imobiliário menor, ou pouco significativo que mais investiam na educação de seus filhos”, (GRYNSZPAN, 1999, p. 63). A advocacia, a medicina e a engenharia destacavam-se como as profissões que ganhavam progressivo reconhecimento naquele momento. Ao que parece, portanto, Pedro e Anna, ao apostarem na formação superior de sua prole, souberam reconhecer as possibilidades oferecidas por esse contexto.

Gobbato formou-se enólogo-viticultor na *Reale Scuola di Viticoltura ed Enologia di Conegliano* aos 17 anos de idade, e aos 21 anos adquiriu o diploma de agrônomo na *Università di Pisa*, onde fez o doutoramento em Ciências Agrárias.<sup>4</sup> Não se sabe exatamente com que idade Gobbato começou a trabalhar. Mas, ao deixar o país de origem, já possuía alguma experiência profissional. Ainda na Itália dirigiu um estabelecimento de vinificação em

---

<sup>4</sup> Quanto à *Università di Pisa*, Grynszpan afirma que, assim como as universidades de Bolonha, Pádua e Nápoles, essa gozava de grande prestígio e dominava a região de Florença (1999, p. 113).

Treviso, prestou concurso no *Ministero di Agricoltura* em Roma e ensinou agronomia e agricultura em Allano. Logo depois, foi nomeado assistente do Istituto Agrario Provinciale di Treviso, cargo que ocupava ao ser contratado pela Escola de Engenharia de Porto Alegre.

### **Espaços geradores de notabilidade**

No Rio Grande do Sul do início do século XX, os produtos agrícolas, provenientes em grande parte das zonas coloniais alemã e italiana do Estado, apareciam na pauta dos principais itens de exportação, revelando sua importância para a economia regional. Apesar de a produção agrícola gaúcha ter aumentado consideravelmente, outras áreas do país começavam a fazer concorrência com os artigos sul-rio-grandenses. Além da concorrência estrangeira, o governo gaúcho passou a se preocupar também com a concorrência nacional, efeito do desenvolvimento da policultura, que se generalizava por todos os Estados da União. O governo republicano gaúcho manifestou a “necessidade de racionalizar o processo produtivo tanto através da maior produtividade quanto da melhor organização do setor de produção. Isto foi tentado através de investimentos na infraestrutura viária, de modo especial na férrea” e, de maneira bastante marcante, “através de construções de escolas dedicadas a aprimorar cultivos e mão de obra”. (TAMBARA, 1983, p. 31).

Como parte desse processo de aprimoramento, foi fundada, em 10 de agosto de 1896, a Escola de Engenharia de Porto Alegre. Conforme observa Pesavento, a nova instituição

destinava-se a ser o estabelecimento preparador de um grupo técnico de nível que contribuísse com seus conhecimentos para a racionalização da produção industrial gaúcha, que estabelecesse projetos, estudos sobre aplicação tecnológica à produção, análises sobre novos métodos etc. Desta preocupação do governo não esteve ausente a meta de formar uma mão de obra qualificada que, com sua habilitação profissional adequada, contribuísse para aquele processo racionalizador. (PESAVENTO, 1995, p. 84).

Portanto, ao chegar ao Brasil em 1912, Gobbato encontrava um país que vivia as contingências do processo de modernização da agricultura. Ele iniciou suas atividades na Escola de Engenharia, e na condição de professor atuou como agente de proa desse processo modernizante, carregando a bandeira da “sábua agricultura” que, segundo sua perspectiva, era sinônima de “nação forte e rica”. (GOBBATO, 1914, p. 14).

Assim como Gobbato, muitos outros especialistas estrangeiros de diferentes nacionalidades se estabeleceram na capital do Estado para formar o corpo docente da Escola de Engenharia. De acordo com os diretores da instituição, a preferência por especialistas de outros países estava vinculada ao “grau de desenvolvimento inteligente e progressista de cada ramo de atividade agrícola em cada um deles praticados”.<sup>5</sup> O entendimento era que a contratação desses especialistas garantiria a organização de um ensino técnico e profissional eficiente através da

execução de programas de feição moderna varrendo deles os excessos esterilizantes da teoria, consorciando, aliando, racionalmente, a teoria com a prática, e exigindo, por este modo, de seus alunos, um tirocínio prático: quer, de acordo com o espírito da época, que os seus diplomados, conscientes do seu saber, se tornem produtivos, sejam homens de ação e de equilibrado idealismo.<sup>6</sup>

É possível considerar que essa forma de pensar o ensino técnico, enquanto um projeto com “feição moderna” que procurava aliar “racionalmente” a teoria e a prática para formar homens “conscientes de seu saber” e, portanto, “produtivos”, “de ação” e “equilibrado idealismo”, tinha relação com uma determinada noção de “civilização”. Os “civilizadores” foram trazidos, em grande parte da Europa, lugar que se destacava pelo “grau de desenvolvimento inteligente e progressista” no setor agrícola.

A investigação de René Gertz acerca da presença significativa de indivíduos com sobrenomes alemães entre os professores ou técnicos da

---

<sup>5</sup> Relatório da Escola de Engenharia. Porto Alegre, 1912. p. 19.

<sup>6</sup> Solenidade Comemorativa do 25º Aniversário da Fundação da Escola de Engenharia de Porto Alegre. 1922. p. 8.

Escola de Engenharia, dos quais “vários eram luteranos, imigrantes mais antigos e descendentes, mas muitos especialmente trazidos da Alemanha no período” (GERTZ, 2002, p. 153), é igualmente demonstrativa do espírito que animava o estabelecimento no sentido de qualificar o seu ensino através da importação de profissionais estrangeiros.

A criação da Escola de Engenharia não pode ser pensada levando em conta apenas os aspectos econômicos e, tampouco, pode ser tomada isoladamente dos propósitos do governo do Estado em incentivar o surgimento de escolas de ensino superior no Rio Grande do Sul. Tal estabelecimento, embora tenha surgido por iniciativa de particulares, tanto quanto as demais (a Faculdade Livre de Medicina e Farmácia de Porto Alegre e a Faculdade de Direito de Porto Alegre), foi a que recebeu mais apoio do governo estadual e “com ele parece ter tido um relacionamento muito mais próximo” (GRIJÓ, 2005, p. 81), tanto em termos de contribuição financeira com a destinação de verba específica pela arrecadação de impostos estaduais, quanto no que se refere a uma ideologia comum, ou seja, a simpatia pela doutrina positivista.

Assim, essa instituição

seria até 1930, a mais próxima do governo dentre as escolas superiores do Rio Grande do Sul, o que lhe rendia apoio material constante e sustentação de pressões políticas junto ao governo federal quando necessário”. (GRIJÓ, 2005, pp. 82-83).

Reforça essa ideia de apoio material por parte do governo a informação, contida na renovação do contrato de trabalho de Gobbato, de 1917, que, caso o professor estivesse a serviço do Instituto Borges de Medeiros, o critério de ressarcimento seria o da Secretaria de Obras do Estado.

As estreitas relações entre o governo e a Escola de Engenharia se expressam nas informações que cercam a vinda de Gobbato ao Brasil. Seguidamente, lê-se nas fontes que o professor foi contratado “pelo governo do Estado” para trabalhar na referida Escola.

Ao que tudo indica, a contratação de Celeste Gobbato deu-se a partir da viagem que o engenheiro-secretário da Escola, João Ferlini, fez à Europa e

aos Estados Unidos em fevereiro de 1911. Gobbato relata em carta enviada a um amigo italiano no ano de 1953 que fora chamado pelo “professor e amigo” da *Scuola di Conegliano*, Michele Giunti, o qual lhe ofereceu um contrato de professor em uma escola brasileira para colaborar com o melhoramento da agricultura e da zootecnia sul-rio-grandense. Diz ainda que foi a figura “sincera e simpática” do engenheiro Ferlini, “filho de veroneses”, que facilitou as tratativas contratuais.<sup>7</sup> Uma viagem preliminar à Europa já havia sido feita pelo engenheiro João Lüderitz, chefe do Instituto Técnico Profissional, em 1909. Conforme relatório da Escola, ele fora incumbido de conhecer as atividades agrícolas desenvolvidas no Velho Mundo e averiguar as possibilidades de aplicá-las no Rio Grande do Sul. Também o engenheiro-agrônomo e chefe do Instituto de Agronomia e Veterinária, Augusto Gonçalves Borges, esteve no exterior em 1911, a fim de estudar a organização do ensino agrícola na Europa. Na viagem de Ferlini, foram contratados cinco alemães, cinco italianos, um francês e três norte-americanos.<sup>8</sup> Dentre os italianos, figurava Gobbato que, consoante a sua formação e experiência profissional, serviria no Instituto de Agronomia e Veterinária, mais especificamente no Posto Zootécnico e na Estação Experimental, localizados no município de Viamão, os quais ainda estavam em fase de estruturação.

Sobre a decisão de vir trabalhar no Brasil, o filho Tito diz: “meu pai também entrou na onda de *fazer a América*, pois era muito jovem e deve ter se entusiasmado com a ideia de fazer carreira no Brasil ao lado de outros colegas italianos”.<sup>9</sup>

Suas palavras provavelmente reverberam as narrativas ouvidas de Gobbato a respeito das motivações que o levaram a se transferir para o Brasil.

Há, ainda, nessa estreita relação entre a Escola de Engenharia e o governo estadual, interesses de ordem política. De acordo com Grijó,

---

<sup>7</sup> GOBBATO, Celeste. Carta para um amigo (não identificado). Porto Alegre, 18 de agosto de 1953. A carta, escrita em italiano 40 anos depois de Gobbato ter vindo para o Brasil, se constitui em um relato autobiográfico no qual o autor, agradecendo a sua aclamação como membro da *Accademia Italiana della Vite e del Vino*, faz uma síntese de suas atividades profissionais no Brasil e na Itália em prol da indústria vitivinícola.

<sup>8</sup> Relatório da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1912. p. 86.

<sup>9</sup> Entrevista com Tito Alberto Gobbato. (Torres/RS, 8 de setembro de 2007).

a importância que passou a ter a instalação de cursos superiores no Rio Grande do Sul, com o apoio governamental, está vinculada ao objetivo de “formação de uma elite dirigente a serviço do Estado em termos de sua própria estruturação e manutenção”, bem como de “propiciar ao Rio Grande do Sul [...] se impor na federação como um Estado de primeira linha” (GRIJÓ, 2005, p. 87). No caso da Escola de Engenharia, as relações entre essa e a política partidária, leia-se Partido Republicano Rio-grandense (PRR), podem ser analisadas também através da trajetória de alguns de seus agentes. No caso dos professores, a de Gobbato ilustra um caminho possível.

Portanto, a Escola de Engenharia também se constituiu um lugar de onde deveriam emergir futuros membros da elite política brasileira, seja em nível municipal e estadual, como foi o caso de Gobbato, seja nos âmbitos estadual e federal, como demonstram os casos de João Vespúcio de Abreu e Lima, eleito senador da República, e João Simplício Alves de Carvalho, eleito deputado estadual e depois federal, ambos fundadores da instituição e agremiados em torno do PRR.

Nesse estabelecimento, Gobbato aplicou os conhecimentos próprios de sua profissão, expressou ideias e divulgou seus estudos, ocupando desde cedo postos de chefia e direção. Desta forma, pôde ampliar seu acesso a outros grupos, aumentando sua rede de relações e acumulando “capitais sociais” que posteriormente foram reconvertidos em “capital político”. Esses capitais se traduzem na posse de uma competência específica, que é social e técnica, própria dos profissionais (BOURDIEU, 1998, p. 171).

Como professor e chefe do Ensino Ambulante de Agricultura do Instituto Borges de Medeiros, criado em 1921, coube ao “agrônomo competente”, como a ele se referiu o diretor da Escola, a missão de implementar um novo projeto que tinha como principal finalidade pôr em contato direto os lavradores e criadores dos mais longínquos recantos do Rio Grande do Sul com o pessoal técnico incumbido de detectar *in loco* os diversos problemas da produção, a fim de superar os “velhos hábitos”, instruir sobre as devidas correções a serem efetivadas a partir de “novos preceitos de técnica moderna” e “estimular operários agrícolas demasiadamente pessimistas, despertando-

lhes novas energias pela perspectiva de lucros mais compensadores”.<sup>10</sup> As propriedades visitadas deveriam servir também de local de experimentações científicas como forma de garantir maior produtividade e melhor qualidade aos produtos cultivados por meio da harmonia entre diferentes culturas e meio ambiente adequado.

O Ensino Ambulante aparecia nos jornais como um novo e inédito serviço que a Escola de Engenharia colocava à disposição dos agricultores e criadores gaúchos. A respeito de tal projeto, o *Correio do Povo* noticiava: “deverá indicar ao lavrador os mais modernos processos de cultura, ensinar-lhe os meios melhores de aproveitamento da terra, apontar-lhe as culturas mais convenientes, mostrar-lhe como se combatem, com eficácia, as pragas da lavoura”.<sup>11</sup>

O professor ambulante logo angariou simpatias e popularidade em decorrência das constantes viagens que a nova função exigia. Suas “conferências agrícolas” eram destacadas pelos principais jornais da capital e do interior do Estado.<sup>12</sup> A *Federação*, por exemplo, órgão oficial do PRR, informou que, em sua primeira visita a Santa Maria, ele foi recebido “por mais de cem agricultores, apesar da chuva que caía”. De acordo com o periódico, na ocasião, Gobbato prometeu voltar ao município na época da vindima, “cuja indústria causou-lhe excelente impressão, classificando essa região igual a Caxias e Bento Gonçalves quanto à produção vinícola”.<sup>13</sup> Já *O Comércio*, de Santa Maria, noticiou que, em Cachoeira, o “dr. Gobbato percorreu os núcleos coloniais de Ribeirão, Vale Vêneta, Dona Francisca e Fachinal do Soturno, dando conselhos e ministrando instruções aos colonos”. Em Vale Vêneta, “realizou uma conferência em praça pública discorrendo em italiano, perante numerosa assistência sobre as culturas da vinha, do milho e do fumo”.<sup>14</sup> *O Popular*, por sua vez, publicado no município de

<sup>10</sup> Relatório da Escola de Engenharia. Porto Alegre, 1920. p. 12.

<sup>11</sup> *Correio do Povo*. Porto Alegre, 27 de maio de 1921.

<sup>12</sup> Essas informações referentes às visitas de Gobbato aos municípios indicados foram extraídas do álbum de recortes de jornais de sua filha, Lydia, onde não há indicação das páginas das notícias. Em vários outros recortes, não foi possível identificar o local da publicação.

<sup>13</sup> *A Federação*. Porto Alegre, 9 de julho de 1921.

<sup>14</sup> *O Comércio*. Santa Maria, 28 de dezembro de 1921.

Júlio de Castilhos, destacou a conferência realizada pelo professor sobre as possibilidades de desenvolvimento da indústria serícola no Rio Grande do Sul. O mesmo jornal anunciou outra visita de Gobbato ao referido município para dali a uma semana com o objetivo de tratar da viticultura naquela região.<sup>15</sup> Também *O Imparcial*, de Encruzilhada, deu destaque às orientações de Gobbato a respeito do tratamento adequado às sementes de trigo como garantia de maior produtividade dessa cultura.<sup>16</sup> *O Correio do Povo*, entre tantas outras notícias sobre o personagem, ressaltou sua passagem pela zona colonial alemã de São Sebastião do Caí “respondendo a diversas consultas”.<sup>17</sup>

Viagens para outros estados brasileiros também faziam parte da agenda de Gobbato e foram igualmente noticiadas pelo *Correio do Povo*. Certa vez, ele esteve visitando as plantações de dois “pioneiros da vitivinicultura de São Paulo, a do Sr. Amador da Cunha Bueno e a do Sr. Francisco Marengo”. Conforme a nota, Gobbato

mostrou-se impressionado com a benemerência desses vicultores, não só pela organização de seus vinhedos, mas pela persistência em introduzir novas variedades de vides, que experimentam, aclimam, reproduzem em magníficos viveiros e espalham por todo o território nacional.<sup>18</sup>

Em Jundiaí, ele percorreu a propriedade de De Vecchia e Cia., onde, segundo observou, havia “um vinhedo de seguramente 180 mil pés, plantado de uva tinta, que produzia o híbrido conhecido como *Seibel* n. 2”. Na matéria, o professor informava que não era glória dos rio-grandenses possuir o maior vinhedo do Brasil: “O vinhal mais extenso do Rio Grande do Sul”, explicava, “situado no município de Bagé e pertencente a J. Marimon e Filhos, conta somente com pouco mais de 60 mil pés de parreiras, entre as quais, predomina, como em Jundiaí, a *Seibel* n. 2”.<sup>19</sup> Com essas viagens, Gobbato tinha condições de pensar a agricultura – em especial a vitivinicultura – gaúcha

---

<sup>15</sup> *O Popular*. Júlio de Castilhos, 15 de janeiro de 1922.

<sup>16</sup> *O Imparcial*. Encruzilhada, 20 de julho de 1922.

<sup>17</sup> *Correio do Povo*. Porto Alegre, 17 de julho de 1923.

<sup>18</sup> *Correio do Povo*. Porto Alegre, 17 de julho de 1923.

<sup>19</sup> *Correio do Povo*. Porto Alegre, 17 de julho de 1923.

de forma menos regional e mais nacional, estabelecendo comparações entre as formas de se cultivar a terra em diversas localidades do país e conhecendo as “novidades” de outras regiões. Desta forma, firmava seu prestígio como expert nesse âmbito da produção.

Além de percorrer municípios gaúchos e paulistas, Gobbato também esteve na Argentina, em julho de 1918, visitando as Províncias de Mendoza e San Juan, onde, segundo ele, se concentravam a cultura da vide e a indústria do vinho naquele país.<sup>20</sup>

Todos esses percursos possibilitaram a Gobbato ampliar seus conhecimentos sobre vitivinicultura e enologia, em especial no que tange ao potencial e aos limites dessas práticas em solo sul-rio-grandense. A visibilidade pública de suas viagens – acompanhadas com detalhes pela imprensa – ajudou a firmar sua reputação de *expert* incontestável nesse ramo de produção. Além disso, a atuação como professor do Ensino Ambulante lhe permitiu adquirir um importante “capital social”, o qual contribuiu para a sua inserção e manutenção em postos de chefia na Escola de Engenharia e, mais tarde, fora dela também.

Se, como professor ambulante, Gobbato acumulou prestígio, notoriedade e popularidade junto a diversos setores sociais e em variados espaços geográficos, na sua atuação em sala de aula foi representado, em uma homenagem póstuma, como “assíduo, pontual, didático, humano, amigo dos alunos”, um mestre que não consultava apontamentos; “fluente e seguro”, “marcava a sua segurança” ao discorrer sobre as doenças da parreira, assunto pelo qual tinha predileção. Foi homenageado por grupos de estudantes por diversas vezes. Mais uma vez, é possível verificar como o personagem, a partir da Escola de Engenharia, foi construindo sua rede de relações e ampliando seu “capital social”.

Os artigos e livros que Gobbato escreveu sobre vitivinicultura gozam de grande reconhecimento entre os estudiosos do tema, servindo de referência para estudos acadêmicos posteriores sobre tal ramo de produção no Rio

---

<sup>20</sup> GOBBATO, Celeste. A indústria vitivinícola na Argentina. *Egatea*. Revista da Escola de Engenharia de Porto Alegre. Porto Alegre, v. IV, n. 6, p. 329-335, julho de 1918. (CEDOC)

Grande do Sul. Uma de suas obras mais citadas e de maior repercussão é, sem dúvida, o *Manual prático de viticultura*, publicado inicialmente em Porto Alegre no ano de 1914, e reeditado e ampliado em 1922, 1930 e 1940. Nele, além de apresentar noções básicas sobre fisiologia das vides, classificação das espécies, condições ambientais, plantio das parreiras etc., o autor expõe um panorama da produção da uva e do vinho no Estado.

Sua atividade como enólogo-viticultor foi além da produção intelectual e alcançou a própria prática agrícola. Assim, por exemplo, é creditada a ele a introdução em solo gaúcho de castas europeias que até então não eram cultivadas nos vinhedos coloniais do Estado, tais como as variedades *Sauvignon*, *Pinot Blanc*, *Pinot Noir* e *Trebbiano*.

Como já foi dito, a atuação e o reconhecimento profissional de Gobbato ultrapassaram as fronteiras sulinas. A revista *Chácaras e Quintaes*, de São Paulo, foi outro espaço de frequente divulgação de seus estudos.<sup>21</sup> Além disso, ele participou de congressos de agricultura e pecuária no Rio de Janeiro.<sup>22</sup> Colaborou ainda com a *Publicazione del Centro delle Esperienze Agrarie del Kalisyndicat*, do Rio de Janeiro, publicando em português e italiano artigos voltados especialmente às temáticas da vitivinicultura e do cooperativismo agrícola.<sup>23</sup>

Gobbato acompanhou o surgimento da *Egatea*, periódico publicado pela Escola de Engenharia a partir de 1914, e logo se tornou seu assíduo colaborador. De 1914 a 1919, a revista foi dirigida pelo engenheiro Vivaldo de Vivaldi Coaracy. Em 1920, quando voltou de uma viagem de quase um

---

<sup>21</sup> A respeito de suas publicações na *Chácaras e Quintaes*, há uma série de oito recortes da própria revista que acusam o recebimento de artigos do “renomado professor da Escola de Engenharia de Porto Alegre e assíduo colaborador”, além daqueles que noticiam visitas de Gobbato ao “escritório urbano” do periódico. Os recortes se referem aos anos de 1920, 1921, 1922, 1923 e 1926.

<sup>22</sup> A referência à participação de Gobbato no III Congresso Nacional de Agricultura e de Pecuária, sediado no Rio de Janeiro, em setembro de 1922, onde ele apresentou o trabalho “A indústria vitivinícola rio-grandense”, foi extraída do *Correio do Povo*. Porto Alegre, 10 de outubro de 1922.

<sup>23</sup> GOBBATO, Celeste. *A cultura da vinha*. Centro de Experiências Agrícolas do Kalisyndikat. Rio de Janeiro: s. n., 1924. Sobre a participação de Gobbato neste Centro, há ainda recortes do *Correio do Povo* indicando sua colaboração e presença “às dependências” da entidade.

ano à Itália, Gobbato assumiu a direção do periódico. Empreendeu, então, uma remodelação da revista, que passou a contar com novas seções. Deste modo, segundo o *Correio do Povo*, a publicação tornou-se um “magazine de utilidades práticas não somente para o cientista, mas também para o mais modesto agricultor, criador, industrialista e comerciante”.<sup>24</sup> Também por iniciativa de Gobbato, a seção “Notas Rurais e Domésticas” começou a vir acompanhada de tradução nas línguas italiana e alemã o que, segundo Gertz, facilitava sua divulgação nas colônias do Rio Grande do Sul e também no exterior (GERTZ, 2002, p. 155). Além disso, a publicação ampliou o serviço de informações chamado “Consultório de *Egatea*”, com o formato “tire sua dúvida”, o que demonstra, mais uma vez, a preocupação do personagem com a projeção dos saberes produzidos no interior da Escola para além dos círculos intelectuais e acadêmicos.

O recebimento da revista por escolas, prefeituras e entidades agrícolas do interior do Estado e da Itália era noticiado pelos jornais como, por exemplo, *A Federação* (Porto Alegre, 24-08-1922), *Correio do Povo* (Porto Alegre, 27-10-1921), *Correio do Sul* (Bagé, 14-10-1921), *Echo do Sul* (Rio Grande, 07-10-1921), *New Deutsche Zeitung* (Porto Alegre, 25-08-1921), *Corriere d'Italia* (s.n.t.) e *La Patria* (s.n.t.).

Paralelamente a todas essas atividades, ele ainda encontrou tempo e disposição para ser, por mais de 35 anos, colaborador do caderno rural do *Correio do Povo*. Até o ano de sua morte, em 1958, seus escritos foram publicados pelo jornal.

## O ingresso no campo político

A atuação do personagem na imprensa revela, mais uma vez, sua vontade de se fazer ouvir para além do círculo de seus pares, ou seja, ele buscava intervir efetivamente na realidade social, atuando enquanto um “tradutor” do saber acadêmico para outros âmbitos da sociedade. Assim, Gobbato levava a cabo a proposta da Escola de Engenharia – e de muitos

---

<sup>24</sup> *Correio do Povo*. Porto Alegre, 20 de abril de 1921.

intelectuais do mesmo período, sobretudo aqueles influenciados pelo positivismo e por outras correntes científicas<sup>25</sup> – de unir teoria e prática e de difundir a ciência e a modernidade entre os que delas estavam apartados. Nesse processo, novas redes de relações eram construídas e reforçavam-se o seu prestígio e a sua popularidade.

A atuação na esfera intelectual, portanto, foi uma característica marcante da trajetória de Gobbato e um elemento fundamental para a construção de sua liderança política. Os méritos do personagem que o credenciavam, na perspectiva de seus correligionários, a ser indicado para a intendência de Caxias, em 1924, foram assim resumidos pelo jornal *O Brasil*, órgão local do PRR:

conquanto não tenha residido neste município, o Dr. Celeste Gobbato não precisa de apresentações em Caxias: seu *nome já é bastante conhecido*, mercê dos relevantes serviços por ele prestados, na imprensa, aos vicultores, aos vinicultores e aos agricultores rio-grandenses [...]. É ele hoje chefe do serviço ambulante de agricultura, mantido por aquele importante estabelecimento e redator da *Egatea* [...]. Desempenha ainda o Dr. Gobbato uma outra importantíssima função, por si só bastante para torná-lo *merecedor* da estima e da gratidão de todos os brasileiros: é a função de redator da parte agrícola do “Correio do Povo”, que há vários anos está confiada à sua *boa vontade* e aos seus *elevados conhecimentos na matéria*.<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> De acordo com Pécaut, é notório, durante as décadas de 1920 e 1940, o engajamento político de indivíduos oriundos de escolas superiores. Sobre isso, assegura que, “em muitas ocasiões, eles se tornaram protagonistas políticos centrais”. O autor indica três perfis desse intelectual engajado: “o de advogado (eram numerosos os doutrinários de tendência autoritária com formação jurídica); o de *engenheiro* (*frequentemente caracterizado pelo positivismo e inclinado para uma visão técnica do poder*) e, é claro, o de homem de cultura” (PÉCAUT, 1990. pp. 34-35). (Grifos da autora)

Em termos mais amplos, Norberto Bobbio delinea dois tipos específicos de intelectual, embora sustente que, em ambos os casos, uma de suas funções principais fosse a de escrever: os *ideólogos* e os *expertos*. Para o autor, o intelectual ideólogo é aquele que fornece “princípios-guia”, ou seja, “que elabora os princípios com base nos quais uma ação é legitimada”; já o *experto*, definição que parece bastante apropriada para caracterizar a atuação de Gobbato, é o que dispõe de “conhecimentos técnicos que são absolutamente indispensáveis para resolver problemas para cuja solução não basta a intuição do político puro, mas se fazem necessários conhecimentos específicos que só podem ser fornecidos por pessoas competentes nos diversos campos singulares do saber”. (BOBBIO, 1997. pp. 73-74)

<sup>26</sup> *O Brasil*. Caxias, 27 de julho de 1924. p. 1. (Grifos da autora)

Essa conjunção de qualidades afetivas (“boa vontade”) e intelectuais (“elevados conhecimentos na matéria”), expressa em variados âmbitos de atuação profissional, parecia ser suficiente, na ótica do periódico, para qualificar Gobbato como o melhor candidato à intendência de Caxias. Afinal, mesmo não sendo morador desse município, ele era uma autoridade no âmbito da vitivinicultura, uma das principais atividades econômicas da região, e, por esse motivo, seu nome era conhecido e merecedor da estima e gratidão, não só dos agricultores sul-rio-grandenses, mas de “todos os brasileiros”.

Em janeiro de 1923, portanto no ano anterior à sua eleição para a intendência de Caxias, Celeste Gobbato recebeu o título de membro honorário do Instituto Agrícola Brasileiro, sediado na capital federal, o que, segundo o *Correio do Povo*, significava o reconhecimento aos “serviços que este agrônomo vem prestando, há anos, à agricultura nacional”.<sup>27</sup> Esse tipo de reconhecimento é revelador do papel dos títulos simbólicos para a conquista e legitimação de determinadas posições assumidas pelos atores sociais. Além disso, o reconhecimento pelos pares da “autoridade científica” através da consagração “é, pois, uma espécie particular de capital que pode ser acumulado, transmitido e até mesmo, em certas ocasiões, reconvertido em outras espécies”. (BOURDIEU, 1994, pp. 130-131).

Portador de significativos “capitais sociais”, como o reconhecimento de sua competência profissional, de sua atuação intelectual e de seu empenho em auxiliar a agricultura sul-rio-grandense, e também de um valorizado “capital cultural”, a identidade étnica, Gobbato foi eleito como candidato de consenso, possibilitando a superação, ao menos momentânea, da crise política que afligia Caxias decorrente dos episódios da chamada Revolução de 1923.

A Escola de Engenharia, instituição que investiu no nome de Gobbato, mas que também recebeu seu investimento profissional,<sup>28</sup> foi o espaço

---

<sup>27</sup> *Correio do Povo*. Porto Alegre, 6 de janeiro de 1923.

<sup>28</sup> De acordo com Bourdieu, “a aquisição de um capital delegado obedece a uma lógica muito particular: a *investidura* [...] não pode ser senão a contrapartida de um longo *investimento* de tempo, de trabalho, de dedicação, de devoção à instituição. [...] a instituição investe aqueles que *investiram* na instituição [...]” (1998, p.192).

gerador inicial de sua notabilidade e prestígio. A partir desse estabelecimento, o personagem constituiu e ampliou sua rede de relações profissionais e pessoais, adquirindo autoridade, respeito e popularidade junto a diversos grupos sociais do Estado, do país e mesmo do exterior (e, no caso em tela, da região colonial italiana). Esses “capitais” citados foram reconvertidos em “capital político”. De acordo com Bourdieu (1998, pp. 172-174), no jogo político, assumir uma posição na hierarquia política é ter o próprio capital acumulado objetivado.

## Referências

- BOBBIO, Norbert. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Unesp, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- GERTZ, René. *O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. (Coleção História; 50).
- GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: DIFEL, 1989.
- GOBBATO, Celeste. *Manual Prático de Viticultura*. Porto Alegre: Estabelecimento Topográfico de Germano Gundlach & Cia, 1914.
- GOBBATO, Celeste. *Dell'Agricoltura Montelliana*. Treviso: Tipografia Coop. Trivigiana. Aprile, 1912.
- GRIJÓ, Luiz Alberto. *Ensino jurídico e política partidária no Brasil: a Faculdade de Direito de Porto Alegre (1900-1937)*. Niterói, RJ, 2005. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense.
- GRYNSZPAN, Mario. *Ciência, política e trajetórias sociais*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil. Entre o povo e a nação.*

São Paulo: Ática, 1990.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. *O cotidiano da República: elite e povo na virada do século.* 3. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1995.

TAMBARA, Elomar. *RS: modernização e crise na agricultura.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

